

Almir Balieiro\*

**DOS HOMENS DO MATO AOS HOMENS E MULHERES DA CIDADE:  
POR UMA ESCRITA DENTRO DA NOVA HISTÓRIA SOBRE A  
TRAJETÓRIA DA POLÍCIA MILITAR EM MATO GROSSO**

**Resumo:** Este ensaio discute “notas introdutórias” por uma escrita sobre a trajetória da Polícia Militar em Mato Grosso, cingida em várias faces e fases do poder, e que permita evidenciar práticas, eventos, dinâmicas e conjunturas, desse caminho percorrido no tempo e no espaço. Essa premissa institui-se no ponto de partida para a análise e interpretação da trajetória da Polícia Militar em Mato Grosso, do século XVIII ao XXI, no campo das relações de poder construídas com outros agentes. Nessa trajetória, a Polícia Militar constrói relações, vínculos, formando uma rede com os demais protagonistas da história mato-grossense, influenciando-os e sendo influenciada, numa relação de interdependência percebida nas palavras de Bloch<sup>1</sup> na qual “numa sociedade, qualquer que seja, tudo se liga e se comanda mutuamente: a estrutura política e social, a economia, as crenças, as manifestações mais elementares e mais sutis da mentalidade”.  
**Palavras-chave:** História Social, Polícia Militar, Nova História.

**Abstract:** This essay discusses “introductory notes” by writing about the trajectory of the Military Police in Mato Grosso, enclosed in several phases and faces of power, and to highlighting practices, events, dynamics and conjunctures, that path traversed in time and space. This assumption is in establishing a starting point for the analysis and interpretation of the trajectory of the Military Police in Mato Grosso, in the XXI century, in the field of power relations built with other agents. This trajectory, the Military Police builds relationships, bonding, forming a network with other players in the history of Mato Grosso, influencing them and being influenced in a relationship of interdependence perceived in the words of Bloch in which "a society, whatever, everything is connected and other commands: the political and social structure, economics, beliefs, expressions most basic and most subtle of mind."  
**Keywords:** Social History, Military Police, New History.

Estas “notas introdutórias” pretendem levantar alguns aspectos sobre a trajetória da polícia militar, mostrar as várias faces e fases do poder, romper com os silêncios, dar elementos que possibilitem novas interpretações, e discutir as transformações urbanas. Tratar fragmentos, localizados no tempo e no espaço, que permitam evidenciar os

---

\* Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

<sup>1</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.152.

eventos, as dinâmicas e as conjunturas que fizeram e fazem parte dessa trajetória, sem, apesar disso, se afastar da dimensão da *longa duração*. Trata-se de um desafio abordar tema tão pouco explorado em Mato Grosso, o que justifica a realização urgente de um estudo ampliado. O livro de Ubaldo Monteiro intitulado “A Polícia de Mato Grosso – História e evolução – 1835 a 1985”, uma das poucas referências a respeito do tema, constitui-se num clássico sobre a História da Polícia Militar em Mato Grosso.

Inicialmente faz-se necessário apresentar a concepção assumida para o termo *trajetória*. Para Houaiss<sup>2</sup> trajetória compreende ‘o caminho percorrido’. E segundo Aurélio (1999), significa - do latim, *trajectore*, o que atravessa – sua acepção mais usual é ‘linha descrita ou percorrida por um corpo em movimento’. No caso da presente abordagem, as concepções sobre trajetória, de Houaiss e Aurélio, vão ao encontro da pesquisa sobre o caminho percorrido pela Polícia Militar em Mato Grosso, desde a sua criação - um movimento bicentenário no tempo e no espaço.

Neste contexto o conhecimento de trajetória, segundo Bourdieu, conduz à “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações<sup>3</sup>”. Essa premissa institui-se no ponto de partida para a análise e interpretação da trajetória da Polícia Militar em Mato Grosso, do século XVIII ao XXI, no campo das relações de poder construídas com outros agentes. Nessa trajetória, a Polícia Militar constrói relações, vínculos, formando uma rede com os demais protagonistas da história mato-grossense, influenciando-os e sendo influenciada, numa relação de interdependência percebida nas palavras de Bloch<sup>4</sup> na qual “[...] numa sociedade, qualquer que seja, tudo se liga e se comanda mutuamente: a estrutura política e social, a economia, as crenças, as manifestações mais elementares e mais sutis da mentalidade”.

## **Os estudos iniciais sobre a polícia em Mato Grosso**

A Polícia Militar do Estado de Mato Grosso foi criada na fase provincial, por meio da decretação da Lei n.º 30, de 05 de setembro de 1835<sup>5</sup>, e instituiu o corpo

---

<sup>2</sup> HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

<sup>3</sup> BORDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.189.

<sup>4</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Op. Cit., p.152.

<sup>5</sup> Até então, esta é a data considerada de sua criação, sendo o presidente da província o Coronel Antonio Pedro de Alencastro. Entretanto, há registros da criação e organização de uma Companhia de Ordenanças,

policial com a denominação de ‘Homens do Mato’. O nome justifica-se em razão da principal função da polícia, à época, a de recaptura de escravos fugidos, destruição de quilombos e por táticas empregadas em suas ações as quais muito se aproximavam de táticas de guerrilha<sup>6</sup>. A partir de sua criação (1835) como “Corpo de Polícia Homens do Mato”, de acordo com Ubaldo Monteiro<sup>7</sup> recebe diversas denominações ao longo do tempo: ‘Corpo Municipal Permanente’ (1844), ‘Guarda Provisória de Segurança’ (1848), ‘Companhia de Pedestres’, ‘Seção de Companhia de Força Policial’ (1858), ‘Companhia Policial’ (1879). Embora a ‘Constituição Política do Estado de Mato Grosso’ promulgada em 1891 regulava a criação das “forças policiais”, observa Ubaldo Monteiro<sup>8</sup> que “[...] em nosso Estado, num mesmo regulamento ela denominou-se ‘Força Pública’, ‘Corpo de Polícia’, ‘Corpo Militar’, e ‘Força Policial’”. Porém, “o Governo Federal já tinha publicado o seguinte decreto nº 7 de 20-11-1.889, isto é, o artigo 2º, §8º, do mesmo dizia: ‘Criar (nos Estados) a Força Policial’ [...]. Então evidente está que a denominação decretada era ‘Força Policial’ e somente esta.”<sup>9</sup> Na interpretação de Monteiro esse descuido retratava “o pouco caso dos governos da época para com a Polícia”<sup>10</sup>. Outras denominações, ainda segundo Ubaldo Monteiro estariam por vir, ‘Força Pública’ (1917), ‘Força Policial’ (1940) e, por fim, após a 2ª Guerra Mundial, por força da Lei n.º 337, de 25-07-1.947, a denominação que persiste até hoje em dia: ‘Polícia Militar’.

As transformações não se restringiram apenas as denominações, acompanhou-as também diversas outras, dentre elas: acontecimentos políticos regionais e nacionais, movimentos populares (como a Rusga), “revoluções” mato-grossenses, guerras como a do Paraguai e as Grandes Guerras Mundiais (primeira e segunda), atravessando vários regimes de governo, fases políticas e, ainda, por fim a divisão do Estado de Mato Grosso, em 11 de outubro de 1977.

Sobre a história da Polícia Militar em Mato Grosso os três trabalhos que têm sido mais pesquisados, situam-se na área da memória histórica, e na área acadêmica,

---

em 1753, quando a Capitania de Mato Grosso havia, recentemente, sido desmembrada da Capitania de São Paulo. Ver Ubaldo Monteiro (1994).

<sup>6</sup> De acordo com Cotta (2006, 57) as ações tratavam-se de “emboscadas; caíam de surpresa sobre os inimigos; exploravam a seu favor os acidentes topográficos, conheciam as matas, montanhas e rios e sabiam tirar da natureza seu alimento.”

<sup>7</sup> MONTEIRO, Ubaldo. *A Polícia de Mato Grosso – História e evolução – 1835 a 1985*. Cuiabá: Governo do Estado de Mato Grosso, 1985.

<sup>8</sup> Idem, p. 32.

<sup>9</sup> Idem, p. 33.

<sup>10</sup> Idem, p. 32.

existem, hoje, monografias, dissertações e teses, sem, contudo constituírem-se em trabalhos dentro do que propõe a nova história.

Dos trabalhos sobre a Polícia Militar na área da memória histórica, destaca-se em primeiro lugar um instigante levantamento elaborado em 1848, pelo então Major Temístocles Aristeu de Carvalho, sob determinação do comandante geral da Polícia Militar, Coronel João Luiz Pereira Neto, em Boletim do Comando Geral (BCG)<sup>11</sup>, quando “o Major Temístocles Aristeu de Carvalho fica encarregado de organizar o resumo histórico desta Corporação, em: detalhes, fontes de consultas (Boletins e arquivos da PM), tradição oral e informação do Historiador Estevão de Mendonça”.

A ordem recebida de elaborar a pesquisa sobre a História da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso foi concluída sete meses mais tarde, constando inclusive publicado em boletim<sup>12</sup>: “[...] O Major Temístocles Aristeu de Carvalho, em parte de hoje, encaminhando o rascunho do Histórico desta PM, por ele organizado a ordem deste Comando Geral. - Publique-se”. Assim, do que se consta, foi o Major Temístocles, quem primeiro pesquisou e registrou a História da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, entretanto, lamentavelmente, este trabalho inédito não foi localizado<sup>13</sup>, uma vez que não se obteve mais notícias nem pelos BCG’s, nem por outra fonte disponível.

Um segundo trabalho, trinta e sete anos mais tarde, em 1985, foi elaborado pelo Tenente-Coronel Ubaldo Monteiro da Silva, oficial reformado da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, “A Polícia de Mato Grosso (História – Evolução) - 1835/1985”, com 237 páginas. Hoje considerado o primeiro e único trabalho conciso sobre a memória histórica da Polícia Militar em Mato Grosso. E o terceiro, também na área da memória histórica, intitulado “A Polícia Militar Mato-Grossense – sinopse histórica” foi também escrito por Ubaldo Monteiro da Silva. Esses dois últimos livros têm sido fonte de consulta quase que obrigatória para quem pesquisa a história militar em Mato Grosso.

Em Mato Grosso, na área acadêmica, mais recentemente tem-se conhecimento da tese de doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade

---

<sup>11</sup> Em de 4 de outubro de 1947, constante do Boletim do Comando Geral (BCG) nº 226.

<sup>12</sup> BCG nº 98, de 30 de abril de 1948.

<sup>13</sup> Conforme levantamento prévio junto à instituição. Entretanto, no desenvolvimento desta pesquisa procuraremos em outros arquivos públicos e privados, localizar o trabalho do Major Temístocles, que para presente pesquisa constitui-se em importante fonte de referência.

Federal do Rio Grande do Sul, de Naldson Ramos da Costa, intitulada “Violência policial, Segurança Pública e práticas civilizatórias no Mato Grosso”. Nessa pesquisa o estudo se propõe a entender os motivos que levaram a permanência “[...] das diversas formas de violência policial nas práticas de controle social e da criminalidade<sup>14</sup>” no Estado de Mato Grosso, e as questões relacionadas aos direitos humanos numa sociedade democrática. A conclusão do autor, que não desconhece os enfoques econômicos, políticos e sociais, é de que as heranças do autoritarismo e do positivismo do direito acabaram influenciando as ‘organizações policiais’. Para Costa, “[...] as Organizações Policiais são parte de uma estrutura de dominação política e representam o aparato repressivo legal do estado<sup>15</sup>”. Uma observação importante de ser registrada do autor refere-se às parcerias que devem ser cada vez mais estimuladas entre Academias de Polícias e Universidades como forma de superar a violência instalada. Com relação às práticas civilizatórias, uma discussão sobre o policiamento comunitário dá o tom do debate em busca de compreender a cidadania.

Das monografias de especialização pesquisadas destaca-se a pesquisa de Pedro Sidney de Souza (2008), intitulada “A legitimidade da atividade do policiamento ostensivo nas Polícias Militares com ênfase nos seus fundamentos axiológicos”, em que debate, narra e explica alguns acontecimentos da história da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso. Levanta a conjectura - como costuma dizer -, de se retificar a data da criação da milícia mato-grossense, ao enfatizar que “o embrião da polícia militar em Mato Grosso [...] constituiu o aparato militar encarregado do policiamento. [...] de 1728 a 05/09/1835<sup>16</sup>”, quando obteve o reconhecimento<sup>17</sup> da Assembléia Mato-Grossense. Situado nas discussões do objeto de estudos, o autor apresenta predicados da atividade do policiamento ostensivo fundados em pressupostos axiológicos e, argumenta que esses, “detém inefáveis valores que permitem a atividade do policiamento ostensivo”<sup>18</sup> e, finaliza seu estudo propondo maior veemência aos valores doutrinários da atividade policial.

---

<sup>14</sup> COSTA, Naldson Ramos da. *Violência policial, segurança pública e práticas civilizatórias no mato grosso*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2000, p. 5.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> SOUZA, Pedro Sidney Figueiredo de. *A legitimidade da atividade do policiamento ostensivo nas polícias militares com ênfase nos seus fundamentos axiológicos*. Várzea Grande: UNEMAT, 2008. Monografia. Universidade Estadual de Mato Grosso. 2008, p. 26.

<sup>17</sup> Ato adicional a Constituição de 1824, lei nº 16 de 12-08-1834.

<sup>18</sup> SOUZA, Pedro Sidney Figueiredo de. Op. Cit., p. 135.

Das monografias realizadas destacamos a pesquisa elaborada por José Delgado de Almeida (1995), “Anjos da Ambigüidade – policial reprimido e policial repressor: história e memória da Polícia Militar Mato-Grossense (1835-1865)”, em que se discute a Polícia Militar dentro da história das instituições, com destaque para o cotidiano das pessoas das corporações naquele período. Nesse trabalho são levantados os desejos, os sonhos, o dia-a-dia, os relacionamentos familiares e amorosos. Retrata também que grande parte das pessoas que entrava para a corporação Policial Militar era de escravos fugitivos em busca de liberdade. Indaga porque na historiografia mato-grossense pouco se tem estudado a respeito da história de vida dos soldados, dos cabos e dos sargentos.

### **A abordagem necessária da longa duração**

Neste ensaio propõe-se a abordagem teórica de cunho interdisciplinar dentro da fundamentação colocada pela história nova, para a escrita da história da Polícia Militar em Mato Grosso sem a pretensão de buscas de verdades, mas a da compreensão das relações e dos fenômenos existentes na sociedade, e para tentar compreender os reais motivos das tantas permanências e dificuldades em se adaptar as transformações com rapidez. Amparados na longa duração lembrar que a transformação da Polícia Militar em Mato Grosso dos “Homens do Mato” e aos “Homens e Mulheres da Cidade”, ocorreu dentro dos valores culturais citadinos nas suas várias épocas (1835 a 1983). Corroborando para essa abordagem, Cotta<sup>19</sup>, atento à dimensão da longa duração, registra que

É preciso compreender as instituições em seu tempo. Entender que elas são carregadas de historicidade. Não se podem exigir dos atores sociais e das instituições procedimentos e idéias que ainda não haviam sido elaboradas em seu momento histórico. É fundamental perceber quais eram os significados que davam sentido à vida daqueles indivíduos.

O ano de 1835 foi escolhido como baliza inicial por ter se dado em Mato Grosso além da criação da Polícia Militar, a transformação de Cuiabá em capital e a criação da Assembléia Legislativa, e a baliza final, centrada em 1983, devido a criação da Companhia da Polícia Militar Feminina. Trata-se de dois marcos importantes pelo fato de trazer as transformações pelo qual passou a Polícia Militar em Mato Grosso e

---

<sup>19</sup> COTTA, Francis Albert. *Breve História da Polícia Militar de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006, p. 145.

mostrar a nova fase da corporação com a presença da mulher. É preciso registrar que foi uma luta para que a mulher entrasse na Polícia Militar em Mato Grosso, e que precisa ser registrada pela nova história. É uma enorme responsabilidade a realização de um trabalho em que a economia e a política brasileiras assumem ao longo do período os mais diversos contornos. Para Braudel<sup>20</sup>,

[...] a história encontra-se hoje perante responsabilidades tremendas, mas simultaneamente exaltantes. Sem dúvida, porque sempre dependeu do seu ser e nas suas transformações de condições sociais concretas. ‘A história é filha do seu tempo’. A sua preocupação é, pois, a mesma que pesa sobre os nossos corações e os nossos espíritos.

Embora seja uma posição de cinquenta e nove anos atrás, a atualidade da preocupação com o tempo presente permanece. Mas o que é o tempo presente? Embora pareça fácil de responder a essa indagação, cabe ressaltar que no tempo tudo muito rápido vira passado, mas como se encontra tão por perto, essa noção não é quase percebida. Para Braudel<sup>21</sup>,

[...] o tempo presente é constituído, acima de tudo, por essa inflação da civilização e, ao que parece, pela represália, cujo termo ainda não se vislumbra, do singular sobre o plural. [...] Cada povo constrói diariamente o seu destino, a sua “atualidade” com o conflito – ou o acordo – entre atitudes antigas e novas necessidades.

O termo história nova, segundo Le Goff, já era empregado em 1930, por Henri Berr, e nasceu da vontade de construir uma história completamente diferente da positivista, “[...] as mentalidades deram oxigênio à história<sup>22</sup>”. Ainda hoje, verifica-se que a história nova ainda encontra algumas resistências, e na terra dos “Homens do Mato”, de ontem, e dos “Homens e Mulheres da Cidade”, de hoje, como as transformações se deram, tem sido um desafio a ser investigado.

Todos, homens e mulheres, representam papéis definidos, e os produtos dessas atribuições imaginárias de uma sociedade que cria as formas de significados das coisas, em busca de uma construção identitária, como se todos tivessem os mesmos valores, impondo sobre os outros essas determinações. Para Castoriadis,

[...] a sociedade institui cada vez o mundo como seu mundo ou seu mundo como o mundo [...] O que unifica uma sociedade é a unidade de seu mundo de significações. [...] a sociedade se institui instituindo

---

<sup>20</sup> BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais*. 6ª ed. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1990, p. 51.

<sup>21</sup> Idem, p. 131.

<sup>22</sup> GOFF, J. L. (1978). *A história nova*. In: J. LE GOFF, R. CHARTIER, & J. REVEL, *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 49.

um mundo de significações, porque a emergência do social-histórico é emergência da significação e da significação como instituída [...] a instauração de uma história onde a sociedade não somente se sabe, mas se faz como auto-instituente explicitamente, implica uma destruição radical da instituição conhecida da sociedade até seus recondidos mais insuspeitados, que só pode ser como posição/criação não somente de novas instituições, mas de um novo *modo* de instituir-se e de uma nova relação da sociedade e dos homens com a instituição<sup>23</sup>.

O desafio dessa investigação, no olhar da história nova - pertencente a essa complexa rede de representações -, conta com “[...] a significativa ampliação da própria noção/validade documental em direção à oralidade, ao imagético, ao simbólico, às representações sociais, às mentalidades<sup>24</sup>” trazida por Burke, *apud* Scocuglia.

Não obstante, a ampliação da noção de documento, faz-se relevante a plena atenção do historiador, pois como bem nos lembra Burguière, “O objeto da pesquisa não é dado pelos arquivos, [...] Ele tem de ser construído pelo historiador<sup>25</sup>”. A importância do papel do historiador não está na fonte, mas nas perguntas, no diálogo permanente que mantém com o documento. Diálogo corajoso e verdadeiro. Corajoso, especialmente por tratar de e com pessoas vivas que contestam o pesquisador, como lembra Borges<sup>26</sup>. E verdadeiro, por conta de seu compromisso e possíveis implicações com a história, pois, na contribuição e no alerta ético de Nanci Leonzo “[...] a história quando alimentada por uma memória subserviente, é um terreno perigoso, o qual só é percorrido com êxito por aqueles que renunciam ao conformismo e lutam, abertamente, contra qualquer forma de intolerância<sup>27</sup>”.

## O desígnio a ser construído

“Dos homens do mato aos homens e mulheres da cidade” pode ser desenvolvido sob o enfoque da relação de poder da instituição Polícia Militar em Mato Grosso, sujeita

---

<sup>23</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 404.

<sup>24</sup> SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. 2ª ed. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 1999, p. 137.

<sup>25</sup> BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 8.

<sup>26</sup> BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Esperando o trem: sonhos e esperanças de Cuiabá*. São Paulo: Scortecci, 2005, p. 22.

<sup>27</sup> *apud* BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Esperando o trem: sonhos e esperanças de Cuiabá*. São Paulo: Scortecci, 2005, p. 22.

as constantes e incertas transformações e, ao mesmo tempo, transformando os atores sociais que compõem, consigo, uma rede social. Para Roger Chartier (1990)

As estruturas do mundo social não são um dado objectivo, tal como ou não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo ou dele se desviando<sup>28</sup>.

A realidade em que a Polícia Militar está inserida é extremamente complexa, repleta de um conjunto de variáveis e representações, e que, ainda, segundo Roger Chartier, referindo-se às representações do mundo social,

[...] embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Feita a presente constatação, ousamos sugerir que as representações do poder têm sido o resultado de construções das práticas articuladas.

Nas últimas duas décadas do século passado a temática “Segurança Pública” tem entrado para agenda dos candidatos a governadores em Mato Grosso. Reflexo de políticas públicas insuficientes nessa área e suas conseqüências negativas começam, então, a ultrapassar a linha da pobreza e atingir as demais classes sociais. Além de insuficientes, caracterizavam-se por uma alternância ideológica<sup>29</sup> ora por intervenções repressivas e em parte arbitrárias, ora por intervenções puramente sociais (SOARES, 2000; SAPORI, 2007).

No centro destas discussões encontram-se as instituições policiais – civis e militares -, as responsáveis por fazerem cumprir as políticas de segurança pública. Uma leitura exploratória sobre estas instituições revela características marcantes. A primeira por tratar-se de instituições seculares, que no Brasil teve seu processo de institucionalização na primeira metade do século XVIII. Entretanto, vale ressaltar que a institucionalização das organizações, que hoje são conhecidas por *organizações*

---

<sup>28</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990, p. 17.

<sup>29</sup> “[...] um movimento pendular à segurança pública”, no dizer de Soares (2000), referindo-se especificamente às décadas de 80 e 90 no Rio de Janeiro.

*policiais modernas*<sup>30</sup>, teve início no período medieval na Europa, no século X, “[...] dada a incapacidade dos senhores de terras para preservar a ordem nas coletividades, surgiram grupos voluntários de vigilância e repressão do banditismo local”,<sup>31</sup> a exemplo os *tythings* na Inglaterra. A segunda, na atualidade, revelando a grande diversidade de suas ações, que encontram-se associada a um contexto social complexo, e entrelaçado com diversos atores. O II FÓRUM DE GABINETE DE GESTÃO INTEGRADA, que ocorreu em Brasília, no período de 03 a 06 de agosto de 2009, traz temas sobre a segurança pública no Brasil. O evento contou com profissionais – especialistas civis e militares em segurança pública do país - das mais variadas áreas do conhecimento com o objetivo de “[...] fomentar a gestão integrada da segurança pública profissional e inovadora nas diversas esferas federativas através de fóruns temáticos e qualificados”. Doze foram os grupos de trabalhos, com temáticas<sup>32</sup> específicas, os quais visavam subsidiar políticas, programas e projetos integrados, no tema central sobre segurança pública. A multiplicidade das temáticas permite desvelar a complexidade contemplada na “Segurança Pública”, o que implica dizer ainda que o contexto atual, na qual está inserida é composto por diversos agentes, instituições, sociedade e o Estado, todos de forma entrelaçada e interdependente.

Percebidas essas características – institucionalização secular e a complexidade do contexto em que atuam - é que se procurou conhecer a trajetória em que se deu a institucionalização da polícia militar em Mato Grosso, permitindo dessa forma melhor compreender os processos em transformação.

## Referências

ALMEIDA, José Delgado. *Anjos da ambigüidade – policial reprimido e policial repressor: história e memória da polícia militar mato-grossense (1835 – 1865)*. Cuiabá:

---

<sup>30</sup> Baseadas no profissionalismo, na estruturação burocrática e sob o controle do Estado, segundo Sapori (2007).

<sup>31</sup> SAPORI, Luís Flávio. *Segurança pública no Brasil – desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p.24.

<sup>32</sup> Indicadores de Gestão Integrada na Segurança Pública nos Estados; Segurança Situacional: Prevenção do Crime por Meio do Desenho Urbano; Integração de Doutrinas, Táticas e Recursos, envolvendo Gerenciamento de Crises com Reféns; O Papel da Segurança Pública em Situações de Calamidades e Desastres de Massa: Assistência, Socorro e Recuperação; Uniformização de Recursos Básicos de Material para o Ciclo de Policiamento Ostensivo; Uniformização do Ciclo Investigativo e Processual Criminal; Proximidade com a População: Cooperação, Tratamento e Boas Práticas em Segurança Pública com Cidadania; Pesquisa e Gestão: A Inclusão da Segurança Pública no Campo das Ciências Transdisciplinares no Brasil; Uniformização de Recursos para o Sistema de Perícias Forense; Elaborar Políticas Relacionadas ao Uso da Força e Armas de Fogo; Elaboração de Doutrina Antibombas para os órgãos de segurança pública do Brasil e Inteligência de Segurança Pública e atuação em grandes eventos.

UFMT, 1995. Monografia (Bacharelado e Licenciatura Plena em História). Universidade Federal de Mato Grosso. 1995.

BALIEIRO, Almir. *Avaliação do processo ensino-aprendizagem: a concepção dos professores civis e militares da academia de polícia militar costa verde*. Cuiabá: UFMT, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. 2003.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. *Apologia da história ou O ofício de historiador*. Prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M.. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.189.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Esperando o trem: sonhos e esperanças de Cuiabá*. São Paulo: Scortecci, 2005.

BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais*. 6ª ed. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1990.

BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990.

COSTA, Naldson Ramos da. *Violência policial, segurança pública e práticas civilizatórias no Mato Grosso*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2000.

COTTA, Francis Albert. *Breve História da Polícia Militar de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006, p. 145.

CRUBELLIER, Maurice. *Sens de l'histoire et religion*. In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (coord.) *Usos & abusos da história oral*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

GOFF, J. L. (1978). *A história nova*. In: J. LE GOFF, R. CHARTIER, & J. REVEL, *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes.

HOUAISS, A. (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

JOUTARD, P. “Oral (História)”, In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

LEONZO, Nanci. *Tensões entre memória e a história*. Campo Grande: Jornal Correio do Estado, 16 de março de 1998, p. 04.

MATO GROSSO. Polícia Militar. Boletim do comando geral, nº BCG nº 100, de 04 de maio de 1948, pp. 203 e 205.

MONTEIRO, Ubaldo. *A Polícia de Mato Grosso – História e evolução – 1835 a 1985*. Cuiabá: Governo do Estado de Mato Grosso, 1985.

\_\_\_\_\_. Ubaldo. *A polícia militar mato-grossense – sinopse histórica*. Cuiabá: Edgraf, 1994.

SAPORI, Luís Flávio. *Segurança pública no Brasil – desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. 2ª ed. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 1999.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 6. ed. Revisada (conforme NBR 14724:2002). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SOUZA, Pedro Sidney Figueiredo de. *A legitimidade da atividade do policiamento ostensivo nas polícias militares com ênfase nos seus fundamentos axiológicos*. Várzea Grande: UNEMAT, 2008. Monografia. Universidade Estadual de Mato Grosso. 2008.